

A renovação dos processos produtivos e de gerência empresarial, o impacto das novas tecnologias, e mesmo os intensos fluxos de mercadorias, de informações e de populações para além das tradicionais fronteiras entre os Estados-Nação, vêm acarretando mudanças não apenas nos modos de vida habituais, como também nos sistemas explicativos que há quase dois séculos vinham dominando o pensamento. Com isto, assiste-se não apenas ao crescimento das expressões próprias de um hibridismo cultural, onde várias referências se misturam de maneira assimétrica e desigual, como também ao ressurgimento de preocupações quanto à identidades culturais apresentadas como algo natural e inerente à essência de certos segmentos sociais.

Em outras palavras, a problemática das identidades culturais tem recebido cada vez maior atenção desde as últimas décadas do século passado, seja por parte de letrados e ideólogos voltados para a celebração desta ou daquela particularidade cultural (para o que atraem importantes parcelas de populações que se sentem menosprezadas ou reprimidas na manifestação de suas práticas e expressões simbólicas singulares), seja por parte de estudiosos de vários campos de conhecimento interessados em conhecer de maneira mais substantiva as sinuosas trajetórias de sua afirmação. Muitas são as razões para isto, mas dentre elas ocupa um lugar de relevo a constatação de que os avanços da globalização econômica, bem como de uma certa mundialização da cultura, não reduziram preocupações com as identidades culturais: ao inverso, aqueles fenômenos contemporâneos parecem estar fornecendo renovados estímulos para empreendimentos no sentido de sublinhar tudo aquilo que pode significar distinção.

Para abordar este assunto, um campo de estudo bastante favorável é o município de Nova Trento, em Santa Catarina, cuja notoriedade recente se deve à canonização de Madre Paulina (disputada pelos respectivos fiéis como a primeira santa do Brasil ou de Trento, na Itália). Situado há 80 quilômetros de Florianópolis, com acesso por estradas pavimentadas e cobertura das redes de telefonia e das retransmissoras dos principais meios de comunicação de massa nacionais, o município possui uma população estimada em 10.000 habitantes, descendente em sua maioria de imigrantes provenientes, a partir de 1875, do norte da península itálica, com destaque para os trentinos que falavam um dialeto de matriz italiana).¹

* Depto. de Estudos Geo-históricos/UDESC e Curso de História/UNIVALI.

¹ A região do Trentino Alto-Adige, composta pelas províncias de Bolzano e Trento, foi incorporada à Itália no fim da I Grande Guerra, em 1918. Para uma análise das condições que levaram à emigração, ver GRANDI, Casimira . Do país da penúria: ambiente, população e sociedade no país de proveniência (1870-1914), in *Alcance*, ano VIII, no. 6, novembro de 2001 (original de 1998); FRANZINA, Emilio . *La grande emigrazione* . Venecia: Marsilio, 1976; e SORI, Ercole . *L'emigrazione italiana dall'unità alla seconda guerra mondiale* . Bologna: Il Mulino, 1979.

Desde então, os sobressaltos vivenciados pelos imigrantes e seus descendentes tiveram como principal causa a árdua luta pela sobrevivência. Assim, para a maioria deles o cotidiano era regido por um trabalho contínuo, duro e estafante, e por tudo aquilo que se interpunha a ele, como o temor das enchentes ou secas prolongadas impostas pela natureza, ou o recrutamento forçado durante conflitos armados. As alternativas de evasão, afora aquelas propiciadas por uma obstinada religiosidade, limitavam-se quase sempre, para os homens, ao consumo excessivo de álcool (uma verdadeira endemia nas zonas coloniais), individualmente ou em pequenos grupos reunidos nas bodegas. Para as mulheres, restava o cuidado com os filhos, alguma costura ou bordado, e os *mexericos* com as comadres e vizinhas nos domingos.

Os dissabores de maior relevância, que os mais velhos recordam com mágoa, foram sem dúvida as arbitrariedades e perseguições desencadeadas no Estado Novo contra todos aqueles que não dominavam o idioma português (o uso do italiano, bem como do alemão, foi legalmente proibido) e, em especial, durante o envolvimento do Brasil na II Grande Guerra a partir de 1942. Naquela época, em Santa Catarina, quase duas centenas de escolas foram fechadas, muitos livros acabaram sendo apreendidos, vários homens ficaram detidos e obrigados a trabalhos forçados ou a ingerir óleo diesel, enquanto que espiões da polícia se esgueiravam para apanhar em flagrante aqueles que eram surpreendidos falando as línguas proscritas. Entretanto, para Nova Trento, os incidentes registrados ou lembrados não parecem ter sido tão marcantes em comparação àqueles ocorridos em lugares Blumenau e outras partes do Estado.

Neste ambiente, as referências culturais combinaram uma recorrente exaltação do trabalho como única esperança de alguma fartura para os dias e gerações vindouras; uma onipresente interferência da religiosidade católica pautando os mínimos detalhes da vida cotidiana; uma persistente solenidade voltada para os ensinamentos ministrados pelos mais velhos (estendida aos ancestrais e às tradições que eles teriam deixado;) uma insistente parcimônia como forma de previdência face ao inesperado; uma permanente utilização do dialeto trentino na conversação coloquial paralelamente ao emprego do português nos encontros com forasteiros ou nas formalidades da vida pública; uma freqüente desconfiança voltada para os *brasilianni* e seus hábitos tidos como merecedores de reduzida confiabilidade; e uma constante, sinuosa e complexa inserção na sociedade brasileira por meio da aquisição de práticas e valores simbólicos nela existentes.

Um visitante que na atualidade percorra as ruas, avenidas e praças de Nova Trento não topará com um ambiente inteiramente estranho ao que pode vislumbrar em tantas outras cidades e municípios do país, caso ele não perceba que os postes do centro da cidade estão pintados com as cores da bandeira italiana (embora por vezes sustentem faixas alusivas a eventos cívicos nacional-

brasileiros), que os restaurantes mais importantes anunciam servir *comida típica italiana* (onde a polenta é acompanhada, entre outros pratos, pela mandioca), que diversos estabelecimentos públicos ou comerciais têm dependurados posters com paisagens alpinas (ainda que juntamente com cartazes promocionais de bailes animados por grupos musicais sertanejos ou gauchescos), que muitas pessoas trocam palavras ou conversam numa linguagem para ele insólita (mas entremeadas por termos, expressões e referências, como o futebol e as novelas televisivas, facilmente reconhecíveis)... Contudo, se o mesmo visitante procurar uma aproximação mais estreita com os moradores locais, o que não encerra nenhum esforço desmedido, notará logo que está diante de algumas singularidades culturais saturadas de sentidos cuja interpretação exige combinar reflexão e sensibilidade.

Por exemplo, cabe mencionar que os neotrentinos, sobretudo os mais velhos mas não apenas eles, recorrem a palavras como *hóstia* ou *sacramento* quando fazem uma imprecisão ou xingamento, ao invés dos nossos conhecidos palavrões, tal e qual era costumeiro em Trento no século XIX. Ou ainda enfatizar a importância do termo *passion* (paixão em português), que traz consigo um sentimento intenso de sofrimento e perda, quer em relação ao passado (aquilo que não se fez ou que se deixou de fazer, ou os entes queridos que morreram), quer em relação ao presente e até ao futuro (aquilo que se extravía na atualidade, como um grande amor, ou que fatalmente desaparecerá no porvir, como a saúde ou a própria vida), tudo isto sublinhando a dureza de uma existência marcada por um labor custoso mas nem sempre reconfortante ou recompensador. Todavia, estes artifícios da fala diária não devem ser encarados como simples resíduos de vivências remotas ou meros instrumentos para favorecer a comunicação, pois eles articulam memórias de gerações anteriores e, principalmente, certos modos de orientação no mundo que designam peculiaridades culturais distintivas em nítido contraste com as de brasileiros de outras proveniências ou formação. Ou seja, aqueles termos facultam associações a palavras como sangue, origem, família, religião, trabalho, tradição, e língua, expressos de maneira sintética pela noção de *cultura*, cujo significado ultrapassa em muito a mera transmissão de idéias corriqueiras.

É possível que o sentimento distintivo daí advindo tenha começado a se formar no início da colonização, quer em decorrência das generalizações produzidas pelas autoridades e pelos demais brasileiros que mantiveram algum contato com os imigrantes (transformando *trentinos*, *vênetos*, *lombardos* ou *piemonteses*, em *italianos*, muitos deles sem vínculos sólidos de identificação entre si ou com o reino da Itália recentemente unificado, entre 1861 e 1871), quer em razão da experiência compartilhada de edificar uma vida nova num cenário desconhecido e por vezes hostil (caracterizado também por uma dura competição com os imigrantes alemães, que se estabeleceram

primeiro nos terrenos mais férteis e mais favoráveis para o escoamento da produção)². Mais ainda, é certo que ao menos uma parte deste contingente foi alcançado (e, talvez, seduzido) pelas atividades de cunho nacionalista desencadeadas pelo governo ou por entidades italianas, como a Dante Alighieri (fundada em 1889), mediante a pregação de sacerdotes imbuídos do dever de conservar a fidelidade dos seus paroquianos, a subvenção de escolas, a distribuição de material de propaganda, e o incentivo de intercâmbios comerciais, sobretudo após a ascensão do fascismo em 1922. Porém, tal experiência não deixou de admitir retrações, acréscimos e soldas ao longo do tempo, como no período imediato do pós-guerra (onde os pesares da campanha de nacionalização e da derrota dos exércitos italianos foram sensíveis), integrando também elementos materiais e simbólicos da sociedade em torno e engendrando amálgamas constantemente reorganizados.

Sangue, origem, família, religião, trabalho, tradição e língua não representam categorias distintivas de auto-definição exclusivas dos descendentes de italianos, nem tampouco são encontradas apenas no sul do Brasil. Mas, relativizando a questão da língua, é inegável que, nesta parte do país, tais categorias alcançam uma dimensão especial e repercutem nas mais diferentes instituições (como as Academias de Letras e os Institutos Históricos e Geográficos estaduais), movimentos sociais (como o dos Centros de Tradição Gaúcha, ou CTGs), festejos e comemorações (como as Oktoberfests e suas assemelhadas), motivadas por preocupações derivadas da experiência histórica de uma região fronteiriça em que aconteceram numerosos embates bélicos internos e externos, pela concepção de um profundo senso de injustiça imputado aos estigmas e prejuízos que os centros mais dinâmicos do Brasil teriam desfechado contra a região, ou pela preeminência econômica, política e cultural assumida pela imigração. Nesta perspectiva, a ênfase pela busca e celebração de insígnias capazes de conferir distinção ganha aqui largo curso e valor substantivo para importantes segmentos da população.

Entretanto, o que cumpre ressaltar neste ponto é um processo recente de captura ou de colonização desta distinção pelos discursos sobre a italianidade, encaminhado por indivíduos, grupos ou associações, muitas vezes estimulado por organismos governamentais ou não sediados na Itália, que visam afirmar e realçar uma identidade de perfil étnico cuja matriz estaria na própria natureza e essência dos *oriundi*. Ou seja, mesmo reconhecendo incursões precedentes visando conservar uma presumida identidade cultural comum a todos os imigrantes de língua e/ou dialetos italianos, e a seus descendentes, e a estreitar seus vínculos com a distante Itália, a problemática em apreço diz respeito a movimentos contemporâneos voltados para cultivar uma italianidade que pretendem revigorar antigas usanças (muitas delas postas de lado ou esquecidas), enfatizar

² Há indícios de que a diversidade cultural dos *italianos* tinha como única referência comum o catolicismo: ver POSSAMAI, Paulo César. Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945), in *Revista de História*, no. 141, São

qualidades próprias de uma cultura local, alimentar novas solidariedades e sociabilidades, e sobretudo disputar espaço e legitimidade com outras influências culturais que atraem as gerações atuais.

Em certa medida, o começo desta operação pode ser localizada nos festejos do centenário da imigração italiana para o Brasil realizados em Nova Trento, Rio dos Cedros e Rodeio em 1975. Com apoio das autoridades governamentais e eclesiásticas, ampla cobertura da imprensa e participação de representantes da própria Itália, as comemorações incluíram cortejos de *carros de mola* e velhas carroças, puxadas por pares de bois e cavalos, e desfiles de grupos trajando *roupas típicas*, escoteiros, estudantes, ex-combatentes da FEB (Força Expedicionária Brasileira, que combateu na II Grande Guerra), e tropas do Exército, além de missas solenes, almoços de confraternização, barraquinhas de diversão, disputas de jogos, passeatas e serenatas. E, em Nova Trento, um marco foi fixado na praça central da cidade.

Naqueles idos, a ditadura militar implantada em 1964 mantinha em pleno vigor um nacionalismo que nutria as fantasias de muitos habitantes do país com os ganhos efêmeros do *milagre econômico*, embaladas por slogans como *eu te amo meu Brasil* ou *Brasil, ame-o ou deixe-o*, enquanto que a Itália ensaiava sua projeção na Comunidade Econômica Européia. Ou seja, haviam tanto fatores internos, quanto fatores externos, que inibiam as possibilidades e os interesses de manifestações voltadas para sublinhar uma identidade cultural italiana no Brasil.

Para corroborar estas assertivas, é possível aproveitar as informações divulgadas pelo Ministério dos Negócios Exteriores da Itália (Ministério degli Affari Esteri), que dão conta da distribuição das entidades italianas em todo mundo.³ De imediato, é importante dizer que os dados divulgados por este órgão merecem ressalvas, pois incluem associações com finalidades bastante diversas (como ensino da língua italiana, ao lado de câmaras de comércio), e mesmo entidades inexistentes ou ainda em esboço, sem nenhuma inserção social efetiva. Por outro lado, utilizando referências contidas na imprensa ou mesmo em folders que divulgam festas ou promoções culturais de vários gêneros, pode-se verificar que sociedades muito atuantes não foram contabilizadas. Seja como for, as indicações mostram uma presença expressiva de entidades distribuídas por todo o país, mas com forte concentração relativa no sul do Brasil (quer se considere o montante da população residente, quer se leve em conta o percentual de imigrantes recebidos por cada Estado). E, mais ainda, elas foram em grande parte instituídas num período bem recente (as últimas duas décadas) e

Paulo, Depto. de História da USP, 2º semestre de 1999.

³ *Associazioni Italiane nel Mondo*. Roma: Ministério degli Affari Esteri (Direzione Generale dell' Emigrazione e degli Affari Sociali), 2000.

fazem referência direta a províncias ou cidades do norte da Itália (*Circolo Trentino, Associazione Veneta*, etc), que é atualmente a região mais próspera daquele país.

Assim, poucas entidades culturais italianas foram criadas durante a ditadura militar, e sua expansão é concomitante à reimplantação da democracia liberal no país, bem como ao agravamento de todos os indicadores econômicos (inflação, desemprego, etc), às sucessivas crises políticas nos governos Sarney e Collor, e também à decolagem da prosperidade conseguida pela Itália no contexto europeu. Isto é, a constituição destes organismos acompanhou episódios marcantes, como o descrédito nas funções públicas ou o aumento dos preconceitos regionais, tendo contudo incorporado um fator privativo que foi a ativação de uma identidade cultural consubstanciada no recurso à ancestralidade (sangue, origem, tradição, língua) e no apelo a modos de vida distintivos (trabalho, familismo, religiosidade) que seriam contíguos a uma Europa respeitável, sóbria e opulenta.

Por tais motivos, não surpreende que tais entidades sejam integradas sobretudo por empresários, profissionais liberais e funcionários públicos ocupando postos de destaque em seus municípios. E as atividades que desenvolvem não se limitam ao mero *resgate* da *cultura autêntica* das gerações passadas, pois selecionam os componentes materiais e simbólicos dignos de validação e se esmeram para afirmar uma identidade étnica própria e para estabelecer os mais diversos laços com a Itália: criação de espaços culturais como museus, programas de rádio (são hoje pelo menos 12, com mais de 15 horas semanais) e áreas de lazer (como a Praça d'Itália, em Joinville); organização de grupos *folclóricos* de coral, música e dança; promoção de *encontros* de família, festas e gincanas de cunho étnico (como a FestItália, de Blumenau, onde é servido o *cheesepolenta*); articulação de contatos para buscar documentos visando obter dupla cidadania, elaborar árvores genealógicas, ou reatar com parentes distantes; introdução do italiano nas escolas; preparação de viagens com a finalidade de turismo, instrução técnica ou cursos universitários de curta duração; criação de empresas financiadas por agências de fomento italianas; difusão de propostas de emprego na Itália, etc.⁴

Todavia, para além das preocupações com autenticidade e pureza dos costumes formuladas pelos cultivadores da italianidade, ou da oferta de nichos exóticos pela indústria do turismo, os desejos, esperanças e inquietações dos descendentes de imigrantes exprimem mais propriamente uma cultura local que combina diversas influências e tensões internas em gradações variáveis e

⁴ *Insieme*, publicação mensal em português e italiano para o Paraná e Santa Catarina, publicou em setembro de 2000 reportagem com o presidente da região do Vêneto, que dizia estarem suas províncias buscando trabalhadores, 18 a 35 anos, espírito de sacrifício, noções de italiano ou dialeto, para ganhar entre 1150 a 1650 reais por 40 horas semanais. A preferência seria dos *nossos emigrados*, seguidos pelos demais italianos no exterior, os italianos do sul da Itália, e os extra-comunitários (estrangeiros).

instáveis, mas adaptada ao Brasil. Ou seja, no amplo repertório de elementos simbólicos disponível para esta população, e ao qual ela recorre a todo instante, existe uma mescla cultural onde são valorizadas as lembranças e os vestígios dos legados recebidos ou creditados aos antepassados, o que coincide em muitos pontos com outras culturas locais derivadas de processos assemelhados de colonização e de inserção na sociedade brasileira. No entanto, tais lembranças e vestígios não são uniformes e monolíticas, como de resto também não o são as práticas sociais dos participantes da cultura local, e com isto carregam consigo oposições nada desprezíveis em seu interior, como o demonstram os estigmas impostos pelos habitantes dos núcleos urbanos aos residentes nas zonas rurais (que *não falam corretamente, não sabem se arrumar direito*). E, por outro lado, ao apresentar uma composição de interferências variadas, tal cultura local implica em negociações complexas e contempla hibridismos análogos aos existentes em outros recantos do país e do mundo contemporâneo.

De acordo com isto, o grande desafio para a interpretação destes fenômenos sociais está em recusar uma definição da identidade cultural como algo exclusivo, excepcional e petrificado⁵, a ponto de tolerar um contorno geométrico perfeito dos sujeitos que enuncia em seus discursos. E o resultado desta negativa é a exigência de combinar a noção de fronteira enquanto limite que separa as diferentes culturas (como o sugere a idéia de identidade contrastiva) com a noção de fronteira enquanto limiar que permite passagens e trocas entre elas, e mesmo enquanto interseção que consente arranjos e justaposições, cujo esboço apenas é admissível para uma cartografia das subjetividades daqueles que as conduzem consigo.

O lugar da cultura corresponde então a espaços construídos historicamente onde foi se produzindo, a cada instante, a diferença cultural, não apenas pelo concurso de interferências específicas ou pelas combinatórias peculiares que ensejou, mas sobretudo por designar os pontos de inflexão tecidos em grades ou redes apoiadas, superpostas, tangenciadas e atravessadas por outras grades, num amálgama que se modifica a cada movimento em decorrência de relações assimétricas de poder (e não de mera imposição) instituídas pela contraposição hierárquica entre culturas hegemônicas e culturas subalternas. Nesta ótica, os sinais de singularidade (ou de diferença) que tal lugar ou local demarca não derivam da essência última de uma cultura, de um processo natural que as teria inscrito num determinado contexto, nem muito menos do caráter único, exclusivo, que se acredita ser estampado por ela, e sim fazem parte dos jogos de força através dos quais, ao longo do

⁵ Conforme SANTOS, Boaventura de Souza . Modernidade, Identidade e Cultura de Fronteira, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, número 38, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, dezembro de 1993.

tempo e em todo momento concreto, foram suturadas suas amarrações com outros referentes culturais.⁶

Ignorar ou subestimar os trajetos sinuosos e as feições equívocas da cultura local acalenta, decerto, os discursos que pretendem incrementar uma identidade cultural italiana no Brasil, ou qualquer outra particularidade cultural que seria natural a um determinado país, região, etnia, religião, ou gênero, e tende a reforçar apreensões quanto aos riscos que ameaçam sua pretensa pureza. E isto, diante das numerosas indicações de entrelaçamentos culturais ainda mais complexos, assume para seus defensores uma dimensão muitas vezes dramática.

Em suma, os neotrentinos, bem como outros tantos homens e as mulheres deste mundo, seguem cozendo e desfiando formas de vida e de pensar acerca delas que afrontam todas as tentativas de subordiná-las a um molde impecável, ainda que este lhes seja oferecido na forma confortável e apaziguadora da identidade cultural. E, com isto, nenhuma tentativa de inscrever estabilidade e permanência na vida dos indivíduos consegue evitar as incertezas (e espertezas) da experiência.

BIBLIOGRAFIA

- Associazioni Italiane nel Mondo* . Roma: Ministério degli Affari Esteri (Direzione Generale dell' Emigrazione e degli Affari Sociali), 2000.
- BHABHA, Homi K. . *O local da cultura* . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998 (edição original em 1994)
- FRANZINA, Emilio . *La grande emigrazione* . Venecia: Marsilio, 1976.
- GRANDI, Casimira . Do país da penúria: ambiente, população e sociedade no país de proveniência (1870-1914), in *Alcance*, ano VIII, no. 6, novembro de 2001 (publicação original em 1998).
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James . Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença, in ARANTES, Antônio A. (org.) . *O espaço da diferença* . Campinas: Papirus, 2000.
- Insieme*, Curitiba, setembro de 2000.
- POSSAMAI, Paulo César . Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945), in *Revista de História*, no. 141, São Paulo, Depto. de História da USP, 2º semestre de 1999.
- SANTOS, Boaventura de Souza . Modernidade, Identidade e Cultura de Fronteira, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, número 38, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, dezembro de 1993.
- SORI, Ercole . *L' emigrazione italiana dall' unità alla seconda guerra mondiale* . Bologna: Il Mulino, 1979.

⁶ Sobre isto, ver GUPTA, Akhil e FERGUSON, James . Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença, in ARANTES, Antônio A. (org.) . *O espaço da diferença* . Campinas: Papirus, 2000, e também as importantes reflexões de BAHABHA, Homi K. . *O local da cultura* . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998 (edição original em 1994).